

O RENDIMENTO ESCOLAR DE ALUNOS QUE FAZEM EDUCAÇÃO FÍSICA EM NÍVEL DE TREINAMENTO DESPORTIVO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE MORRINHOS - GOIÁS

Roosevelt Leão Júnior ¹, Jéssica Luciana Silva ²

1. Curso de Educação Física, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas- FAFICH, Fundação de Ensino Superior de Goiatuba- FESG
E-mail: rooseveltleao1973@gmail.com
Curso de Educação Física, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas- FAFICH, Fundação de Ensino Superior de Goiatuba- FESG
E-mail: rooseveltleao1973@gmail.com

Recebido em: 28/11/2014 – Aprovado em: 16/01/2015 – Publicado em: 31/01/2015

RESUMO

Este estudo tem por objetivo conhecer e analisar o desempenho dos alunos que praticam treinamento esportivo fora da escola e as conseqüências nas notas dentro da escola. Método: Foram sujeitos dessa pesquisa 30 alunos do sexo masculino das escolas municipais do município de Morrinhos Goiás. Resultados: No total foram analisadas as notas de 30 (trinta) alunos, sendo 15(quinze) que treinam e 15(quinze) que não treinam, todos do sexo masculino em três escolas diferentes. Na escola A as notas maiores são dos alunos que não treinam, e as diferenças entre os alunos que treinam os que não treinam foram significantes. Na escola B, onde participaram 6 (seis) alunos que treinam e 6 (seis) que não treinam os resultados foram semelhantes. Na escola C participaram também da pesquisa 7 (sete) alunos que treinam e 7 (sete) que não treinam e já na escola C as maiores notas são daqueles alunos que fazem treinamento esportivo. Apesar dos alunos que treinam ter tirados as melhores notas, também não foram significantes as diferenças entre eles. Considerações finais: Os alunos que não fazem nem um tipo de treinamento esportivo fora da escola obtiveram melhores notas. Vários fatores podem contribuir para essa melhora da função cognitiva, como por exemplo: a vascularização cerebral e a neurogênese. Porém o que pra nós é também relevante, são as possibilidades curriculares para o ensino e a aprendizagem decorrentes da prática de educação física, seja dentro da escola ou fora dela.

PALAVRAS-CHAVE: Rendimento Escolar; Treinamento Esportivo

INCOME SCHOOL STUDENTS DOING PHYSICAL EDUCATION IN SPORT TRAINING LEVEL IN SCHOOLS MUNICIPAL Morrinhos - Goiás

ABSTRACT

This study aims to understand and analyze the performance of students who practice sports training outside of school and the consequences on the notes within the school Method: this study 30 male students of municipal schools from Morrinhos, Goiás. Results: In total notes thirty (30) students, 15 (fifteen) who train and fifteen (15) who do not train, all males in three different schools were analyzed. The largest school in the notes to the students who do not train, and the

differences between students who train those who do not train were significant. In school B, where six (6) students who train and six (6) participated who do not train the results were similar. In school C also participated in the survey seven (7) students who train and 7 (seven) who do not train and already in school C the highest scores are those students who do sports training. Although the students who train have drawn the best grades were also no significant differences between them. Final Thoughts: Students who do not or some kind of sports training outside school got better grades. Several factors may contribute to this improvement of cognitive function, such as: cerebral vasculature and neurogenesis. But what is also important for us are the curricular possibilities for teaching and learning resulting from physical education, either within or outside school.

KEYWORDS: Educational Achievement; Sports Coaching

INTRODUÇÃO

A escola tem passado por várias transformações. Habilidades e competências são propostas para que o ensino caminhe de encontro à formação geral do aluno. Uma das mudanças mais marcantes encontra-se na disciplina da Educação Física. Pesquisas apontam a falta de interesse dos alunos para a realização das aulas de Educação Física, comprometendo os propósitos educacionais.

OLIVEIRA (2005) ressalta que o esporte na escola acaba sendo uma atividade reprodutiva, o que leva a uma participação mínima por parte dos alunos. Para o autor, o esporte favorece um espírito de grande competitividade, o que prioriza os habilidosos e exclui os inaptos, despertando o individualismo e impede os valores de grupo e equipe. A obediência a regras desperta o desinteresse, o desânimo e alienação. Com tudo isso alunos que se afastam das aulas de educação física, afastam-se do esporte na vida adulta.

De acordo com ALMEIDA (2007) os procedimentos didáticos pedagógicos do professor é fator importante na qualidade das aulas e, conseqüentemente, na motivação dos alunos. O bom professor motiva e desperta o interesse e a participação dos alunos, usando o lúdico, este profissional pode levar grande vantagem sobre as demais disciplinas.

Segundo MARZINEK & NETO (2007) os esportes no ensino fundamental são atividades atraentes e criativas quando bem empregadas, mas no ensino médio os alunos perdem o interesse, as aulas são voltadas para os esportes e suas regras. Segundo os autores não existe interesse em praticar aulas sistematizadas.

Assim as metodologias usadas pelos professores tendem a privilegiar apenas o esporte, fazendo todos os alunos praticarem as mesmas atividades, sem ponderar habilidades e competências individuais, não proporcionando prazer nas aulas de Educação Física.

Com relação a essa atitude, as ciências do esporte vêm desenvolvendo estudos para que as pessoas possam ter uma vida mais saudável, por meio de atividades físicas, evitando assim distúrbios decorrentes do sedentarismo, da má alimentação, tabagismo, estresse e obesidade, entre outros.

Existem também pesquisas sobre a discriminação sofrida por atletas e profissionais de Educação Física baseada na crença de que pessoas envolvidas com esporte ou atividades físicas não gostam de estudar ou que são realmente “menos inteligentes”. MAGNANE, (1969, p. 81) relata que para o jovem esportista “o intelectual é, senão o inimigo, pelo menos o estranho”. Esta forma de pensar não é exclusividade deste autor. Pelo contrário, é uma constante em nosso cotidiano e é reforçada através dos vários meios de comunicação. ARAÚJO FILHO (2002) contes-

ta este tipo de atitude, expondo em uma carta intitulada “Carta em prol da dignidade e respeito do professor de Educação Física”, sua indignação sobre a forma como foram referidos os professores de Educação Física em determinada rede nacional de televisão, onde os mesmos foram taxados praticamente de analfabetos.

Essa discriminação transpõe o âmbito escolar /colegial e está presente inclusive dentro das próprias universidades, local de formação dos professores de Educação Física. Na sua dissertação sobre a profissão “professor de Educação Física”, MORENO (1996, p.159) aponta que os professores denunciam “um certo olhar de menosprezo a tudo que se refere aos interesses do departamento de Educação Física” na Universidade. Ainda no âmbito dos cursos superiores, em uma situação particular de preconceito explícito, fui surpreendida quando ao estar numa sala de professores lendo um livro, fui questionada: “o que você está fazendo?”; e ao responder que estava estudando, ouvi: “eu pensei que professores de Educação Física não precisavam estudar. Não é só ir lá e jogar bola?”

Esse tipo de discriminação é reforçada pelos meios de comunicação, que conforme MORENO (1996, p.162), “muitas vezes transmitem a imagem do profissional que está ‘congelada’ na cabeça das pessoas: alguém que não estuda muito ou não estuda nada, é alegre, que é burro, bonito e forte (no caso dos homens), bonita, sensual, ‘maravilhosa’ (no caso das mulheres).”

O presente estudo pretende compreender se existe a relação entre educação física (treinamento) e fracasso escolar comprometendo o processo de ensino aprendizagem, ou seja, será que os alunos que fazem treinamento desportivo têm melhores ou piores notas do que aqueles que não fazem?

Daí o problema: De que forma as aulas de Educação Física contribuem no rendimento escolar (notas)? É possível que os alunos que treinam nas escolas tenham notas melhores do que os que não treinam?

Então o presente trabalho tem como objetivo geral verificar /analisar/observar se os alunos que fazem treinamento desportivo nas aulas de educação física têm notas melhores do que os que não praticam.

E foram objetivos específicos desta pesquisa:

1. Analisar possíveis fracassos/reprovações de alunos, oriundos da prática ou não do treinamento desportivo na escola;
2. Examinar as notas dos alunos e analisar diferenças de notas entre os atletas e “não atletas”.

O ESPORTE NA ESCOLA

GUEDES & GUEDES (1997) aborda significativamente a falta de conteúdos mais complexos nas aulas de educação física. A prática desportiva fica resumida aos esportes coletivos como futebol, handebol, basquetebol e voleibol, limitando a produção de conhecimento corporal e cultural do aluno. No ensino básico o esporte esta sendo difundido como única forma de movimento do corpo. Modalidades como o atletismo e a ginástica artística raramente são trabalhadas e difundidas entre os alunos. O que leva um professor trabalhar somente com esportes? Falta de motivação? Falta de capacitação? Ou mero comodismo?

Nas escolas se o esporte for repassado e aceito naturalmente, sem mediações didáticas com possibilidades de problematizar, dificilmente o aluno-sujeito terá oportunidade de ser tornar autônomo e capaz de sua própria ação.

Se a escola se torna base para o esporte de rendimento, o professor deixa de ser professor de educação física e passa a ser professor – treinador e o aluno a aluno-atleta.

BELBENOIT (1976) acredita que o esporte é capaz de forjar o hábito, a necessidade e a vontade de viver sadicamente, sendo a forma mais rica e adaptada de nosso tempo, mas a finalidade própria do esporte não é a educação. O esporte é sinônimo de saúde, moral e valor educativo, mas se não houver um professor educador este objetivo não será alcançado.

A Educação Física como disciplina escolar trata pedagogicamente os temas da cultura corporal, quais sejam, jogos, ginástica, dança, lutas, capoeira, esportes. Atualmente o treino esportivo e o jogo esportivo começam a ganhar terreno na educação física escolar e muitas vezes os alunos passam então a ter uma aula cujo modelo é baseado nos métodos de treinamento (SOARES, 1996). O que é curioso é que, mesmo que a prática da Educação Física tenha sido diferente em outros momentos históricos, o esporte volte a ser a principal atividade nas escolas. Tendo em vista que os currículos dos profissionais de Educação Física incluem disciplinas como dança, capoeira, judô, atividades expressivas, ginástica, folclore e outras, de acordo com as opções de cada instituição, como explicar a pouca utilização destes conteúdos.

A escola escolheu o ensino do esporte praticamente como única estratégia de ensino (GUERIERO & ARAÚJO, 2004). É fácil de perceber essa afirmação, basta fazer uma visita a alguma escola no horário de Educação Física, mesmo que ela não tenha estrutura necessária para isso.

De acordo com Gueriero e Araújo (2004), a Educação Física escolar tende a apresentar uma esportivização de suas aulas em algumas séries do ensino fundamental. Este caráter esportivizado, onde modalidades esportivas coletivas tradicionais são usadas sem uma fundamentação teórica que garanta o seu aproveitamento como conteúdos acadêmicos, prejudica que a Educação Física como disciplina consiga crescer e alcançar seus objetivos mais amplos, de desenvolvimento integral do indivíduo.

Apesar de se remeter ao esporte alguns objetivos tais como a saúde, a moral e o valor educativo, ele não o será, a menos que um professor/educador faça dele um objeto e um meio de educação e de aprendizagem.

Isto não quer dizer que se queira negar totalmente o esporte, mas sim levantar questões sobre sua orientação no sentido do Princípio de Rendimento e Concorrência, que selecionam os melhores, classificam e rejeitam os mais fracos.

Através de suas atividades esportivas, a Educação Física Escolar passou uma visão de que não se pode viver, ou sobreviver, sem competição. Além disso, muitos professores acreditam que sem a competição, as atividades não têm graça e os resultados são melhores, pois cada um dá mais de si. Além disso, muitos acreditam que a competição pode ser boa e sadia.

Mas além destes aspectos, como fica a questão do ensino-aprendizagem em outras disciplinas acadêmicas? Como são as notas dos alunos participantes de aulas desportivas dentro ou fora da escola? Será que as notas são melhores ou piores? O que as pesquisas científicas têm a dizer a esse respeito? Creio que são perguntas pertinentes, pois podem ir além dos já conhecidos benefícios da Educação Física Escolar.

RELAÇÃO ENTRE A PRÁTICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA POR ALUNOS DESPORTISTAS E AS NOTAS EM OUTRAS DISCIPLINAS: SERÁ QUE SÃO MELHORES OU PIORES NOTAS?

Segundo MANTIVÉIEV (1986, p. 32), "[...] treinamento é a forma básica de preparação do atleta. É a preparação sistematicamente organizada por meio de exercícios que de facto constitui um processo pedagogicamente estruturado de condução de desenvolvimento do atleta [...]"

A explicação de treinamento desportivo de Weineck "[...] sugere a definição de 'treinamento esportivo' como sendo o processo ativo complexo regular planejado e orientado para melhoria do aproveitamento e desempenho esportivo" (CARL apud WEINECK 1999, p. 10).

Segundo PEREZ (2000), entende-se por treinamento um processo composto por várias etapas, que se inicia sempre da mais simples para a mais complexa, até chegar à especialização, que visa à melhoria de algo, sendo essa uma característica nata dos seres humanos.

Para DANTAS (2003, p. 28), "[...] é conjunto de procedimentos e meios utilizados para se conduzir um atleta a sua plenitude física, técnica e psicológica dentro de um planejamento racional, visando executar uma performance máxima num período determinado".

O ato de treinar, que tem como sentido/significado tornar apto ou adestrado, não se restringe somente aos atletas, mas também está ligado a outros animais, nem está unicamente associado ao esporte, pois, quando o objetivo é perda de peso por uma prática de atividade física, ocorre um treinamento (PEREZ, 2000).

Segundo PEREZ (2000) existem exemplos notórios dentro da própria Educação Física escolar, na qual os mais habilidosos são sempre os primeiros a serem escolhidos, ocorrendo o contrário com os que não possuem determinadas destrezas coniventes com a atividade, impostas como essenciais. É função de um bom educador físico fazer com que seus alunos saibam interpretar criticamente essa inversão de valores.

E como se posiciona o professor de Educação Física diante destes fatos? E o lado da aprendizagem escolar? E o fracasso escolar? Pode o professor usar a Educação Física para melhorar a aprendizagem dos alunos?

Indubitavelmente, um dos fatores que mais concorrem para a permanência dos quadros nacionais de fracasso escolar é o descompasso entre a escola e a comunidade, cultura e aprendizagem. O tema, amplamente discutido nos meios educacionais, é assim sintetizado::

Segundo um estudo realizado por VIEIRA (1989, p.44) o número de notas baixas obtidas pelo grupo de alunos-atletas ou não-atletas pode variar por diversos fatores não considerados na presente investigação. Entre eles estão a capacidade individual de aprendizagem, a ajuda ou problemas familiares, a saúde, entre outros. Para responder se a diferença de notas ocorreu ao acaso ou não, deve-se submeter os dados a um teste de hipóteses.

A comparação das notas bimestrais foi efetuada somente entre alunos da mesma turma e não entre as turmas, devido ao fato de existirem variações entre os dados, como por exemplo: diferenças na média bimestral exigida em cada escola, número de disciplinas, disciplinas diferentes, professores, etc. Estas discrepâncias podem produzir diferenças no rendimento escola.

Segundo RATEY (2011), MARTIN & LINCHEKY (2011) um estudo da Universidade de Illinois (EUA) revela que a atividade física tem relação direta com o

desempenho escolar da molecada. Os pesquisadores submeteram crianças de 9 e 10 anos a testes de raciocínio em dias diferentes. No primeiro, elas caminharam sobre a esteira; no outro, descansaram. “O exercício físico fez com que os garotos tivessem maior atenção nas avaliações, melhor resultado nas tarefas e compreensão mais clara da leitura”. Ainda faltam explicações bem aprofundadas sobre a influência da atividade física na capacidade de aprendizado das crianças. O que se sabe por enquanto é que suar a camisa mexe com o cérebro: O exercício faz com que proteínas e neurotransmissores associados a aspectos importantes da aquisição de conhecimento atuem de forma diferente.

Em trabalhos científicos de revisão de literatura diversos autores têm encontrado nos resultados possíveis correlações entre atividade física e melhoria no desempenho acadêmico (HILLMAN et al., 2011). TRUDEAU & SHEPHARD (2008) citado por VAZ (2011) demonstraram em seus estudos que aumentar o tempo de atividade física dentro da escola (educação física escolar), sejam programas de atividade física ou de esporte, não diminuiria o desempenho escolar de estudantes da escola, mas que o aumento do tempo em outras disciplinas teria um impacto negativo. Além disso, afirmam os autores que a atividade física foi associada à melhora no desempenho acadêmico e tem efeito positivo na concentração, memória e comportamento em sala de aula.

HILLMAN & CASTELLI (2009) diante também destas idéias e hipóteses realizaram uma pesquisa, para ver como o melhor desempenho das crianças em testes, se referem à sala de aula real de aprendizagem. O teste mediu o desempenho em três áreas: a ortografia, a leitura e a matemática. Os resultados foram melhores quando as crianças praticaram exercícios.

CEZÁRIO (2008) em estudos com alunos do ensino fundamental, demonstraram que a maioria dos alunos (71%) que faziam atividades físicas dentro ou fora da escola (praticavam esportes) obtiveram notas na escola entre 8 (oito) e 10 (dez), enquanto que um percentual bem menor, (6%) dos que não faziam atividades físicas obtiveram tais resultados. Diante deste referencial teórico, foi realizada esta pesquisa conforme dados apresentados a seguir.

MATERIAL E MÉTODOS

Sujeitos e Ambiente; Foram sujeitos dessa pesquisa 30 alunos do sexo masculino de três escolas municipais do município de Morrinhos Goiás. Para efeito de comparação das notas foram escolhidos alunos que não treinam da mesma escola e da mesma sala. Por amostragem tipo amostragem acidental. Este tipo de procedimento simplesmente propõe que se escolha o indivíduo que estiver apto naquele momento da seleção (KIPNIS e DAVID, 2005). Aqui no caso desta pesquisa foram selecionados os alunos que treinam futebol no Programa SESI da cidade de Morrinhos, Goiás.

Instrumentos: Os boletins bimestrais dos alunos foram o instrumento utilizado para a coleta de dados (notas) dos mesmos.

Procedimentos para a coleta de dados: Primeiro foi solicitado a autorização da instituição e dos alunos através de um termo de consentimento livre e esclarecido, onde foram explicados os objetivos da pesquisa.

Para análise dos dados

Os dados obtidos foram submetidos à análise descritiva com a descrição das notas dos alunos e a comparação através das suas respectivas Médias. Foram então comparadas as notas dos alunos que treinam e daqueles que não treinam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total foram analisadas as notas de 30(trinta) alunos, sendo 15(quinze) que treinam e 15(quinze) que não treinam, todos do sexo masculino.

Da Escola **A** participaram 2(dois) alunos que treinam e 2(dois) que não treinam. As notas dos alunos que treinam foram de média 6,7 e 4,63 (MÉDIA TOTAL = 9,01). Já as notas dos alunos que não treinam foram de média 9,5 e 8,41(MÉDIA TOTAL= 8,95).

Até o presente momento na escola **A** as notas maiores são dos alunos que não treinam. E por sua vez a diferença entre os alunos que treinam os que não treinam foram significantes

Na escola B, onde participaram 6(seis) alunos que treinam e 6(seis) que não treinam os resultados foram semelhantes. As notas dos alunos que treinam foram de média 8,41 - 7,58 - 4,5 - 7,0 6,0 e 9,3 (MÉDIA TOTAL= 7.13). Já as notas dos alunos que não treinam foram de média 8,41 - 9,25 - 8,83 - 7,33 - 8,06.e 9,4(8,54 MÉDIA TOTAL).

Na escola **B** também as maiores notas são dos alunos que não fazem nenhum tipo de treinamento. Mas a diferença entre as notas não foram relevantes.

Até aqui, nas escolas **A** e **B** os resultados no desempenho escolar dos alunos foram semelhantes, embora as notas dos alunos que treinam sejam um pouco menores do que os que não treinam.

Na escola **C** participaram também da pesquisa 7 (sete) alunos que treinam e 7(sete) que não treinam. As notas dos alunos que treinam foram de média 6,78 - 8,85 - 8,0 - 8,0 - 9,64 - 8.1 e 6,8 (MÉDIA TOTAL= 8,02). Já as notas dos alunos que não treinam foram de média 6,42 - 9,42 - 5,92 - 9,28 - 9,57 - 7,6 e 8.0 (MÉDIA TOTAL= 8).

Já na escola **C** as maiores notas são daqueles alunos que fazem treinamento esportivo. Apesar dos alunos que treinam ter tirados as melhores notas, também não foram significantes as diferenças entre eles.

Entretanto estes resultados podem ser comparados aos encontrados por KING & SCAHILL (2011) que adicionam evidências ao fato de que o exercício não é bom somente para o corpo, mas também para a mente. Alunos do ensino fundamental que realizaram uma série de exercícios tiraram melhores notas do que quando ficavam em situação de repouso. O percentual de acertos em testes escolares estaduais subiram de 55% para 68,5%. Mais estudos são necessários afirmam os autores, mas há uma crescente evidência de que a atividade física pode ajudar a melhorar o comportamento acadêmico, as habilidades cognitivas e as atitudes. De acordo com VANCINI et al., (2008) vários fatores podem contribuir para essa melhora da função cognitiva, como por exemplo: a vascularização cerebral e a neurogênese. Porém o que pra nós é também relevante, são as possibilidades curriculares para o ensino e a aprendizagem decorrentes da prática de educação física, seja dentro da escola ou fora dela.

CONCLUSÃO

Os alunos que não fazem nem um tipo de treinamento esportivo fora da escola obtiveram melhores notas. Acredito em alguns fatores possíveis, como o direcionamento de tempo para os estudos em casa, atenção voltada somente para os estudos e a preocupação com os níveis das notas.

Há uma crença tradicional que resulta na pedagogia que instituiu uma divisão do conhecimento em partes, exercitando cada uma delas separadamente para, ao final, juntá-las novamente no todo. Nesse caso do futebol a idéia é treinar, à parte, os movimentos de pernas, de braços, cabeça, etc. De tempos em tempos, pede-se, ao aluno para correr, acreditando que, nessa hora, cada parte, suficientemente exercitada, cumprirá seu papel no todo, que é o ato de correr. Esse conceito pedagógico manifesta-se no futebol, no voleibol, no basquetebol, enfim, na aprendizagem de qualquer esporte, tanto como na dança, na matemática, na química, e assim por diante.

Ou seja, o professor de futebol tinha apenas de cuidar do aluno para que o ambiente da escola fosse adequado, de forma que não atrapalhasse o desenvolvimento do menino. E, no tempo certo, naquele ambiente favorável ao futebol, ele mostraria seus conhecimentos. Porém, se, geneticamente, o aluno não fosse bem dotado para o futebol, talvez ele ficasse muito tempo na escola sem jogar, ou jogando pessimamente. Também as diferenças de habilidade entre os alunos teriam explicações nas questões genéticas. O mundo era assim e não podia ser mudado.

No esporte é muito comum encontrarmos expressões dessa corrente de pensamento. De vez em quando observamos técnicos e jornalistas referirem-se aos talentos natos de alguns atletas. No campo social e político, a humanidade chorou algumas tragédias por conta dessa filosofia. O Nazismo foi apenas um dos incontáveis exemplos de discriminação baseados nesses conceitos.

Para Carvalho (1987) o esporte escolar não deve estar subordinado ao esporte administrado por federações. Na escola o esporte deve ter sua própria função, ou seja, oferecer às crianças o acesso a sua iniciação, com um conhecimento da cultura física, contribuindo para a aprendizagem discente.

REFERÊNCIAS

AGRICOLA, N.P.A. **Esporte, esporte escolar e competições sentidos, ações e contradições**. Goiânia GO: UCG, 2007.

ALMEIDA, P.C. O Desinteresse pela Educação Física no Ensino Médio. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 11, n 106, Mar. 2007. <http://www.efdeportes.com/efd106/o-desinteresse-pela-educacao-fisica-no-ensino-medio.htm>

AQUINO, J.(org). **Erro e fracasso na escola**. São Paulo, Summus, 1997.

BELBENOIT, G. **O desporto na escola**. Lisboa: Estampa, 1976.

BRACHT, V.; Educação Física e aprendizagem social, **Movimento**. Porto Alegre: Magister Nº 5. 1996.

BRACHT, V. **Educação física e Aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 2000.

CEZÁRIO, A. E. S. **Influência da atividade física no desenvolvimento motor e rendimento escolar em crianças do fundamental**. Trabalho de Conclusão do Curso em Educação Física. Caucaia, CE: Universidades Estadual Vale do Acaraú, 2008.

CORREIA, M. M. **Jogos Cooperativos e Educação Física escolar: possibilidades e desafios**. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 27, n. 2, p. 149-164, jan. 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd107/jogos-cooperativos-e-educacao-fisica-escolar>. (Data da pesquisa 17/04/2011.)

FILHO, A. Desporto e rendimento escolar. **Revista Digital**. Buenos Aires, ARG. Ano 8, n. 55, Dez. de 2002.

FREIRE, J.B.; **Iniciação Esportiva: Esporte Escolar – Extensão**. Ed 1. Brasília DF: universidade de Brasília, Centro de Educação a Distancia, 2005.

GUEDES, D.P.; GUEDES, J.E.R.P. Aptidão física relacionada à saúde de crianças e adolescentes: avaliação referenciada por critério. 1 ed. Londrina – PR, **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, 1995.

HILLMAN, C. H.; CASTELLI, D. **Physical activity may strengthen children's ability to pay attention**. *Science Daily*. Abr. de 2009

HILLMAN, C. H.; ERICKSON, K.I.; KRAMER, A. F. **Be smart, exercise your heart: exercise effects on brain and cognition**. *Nature Reviews Neuroscience*. N. 9, v. 58-65, Jan. 2008.

KIPNIS, B.; DAVID, A. C. **Elementos de pesquisa em esporte escolar: monografia**. Brasília, DF: UnB – Centro de Educação à distância, 2005.

MAGNANE, J.G.C. Espaço, lazer e política: desigualdades na distribuição de equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Digital**. Buenos Aires, ARG. Ano 8, n. 55, Dez. de 2002.

MARTIN, S.; LINCHEKY, D. **Combining physical activity with classroom lessons results in improved test scores**. Disponível em: http://www.abstracts2view.com/pas/view.php?nu=PAS11L1_2833 Acesso em: 07 de Jun. de 2011.

MARZINEK, A.NETO, A.F. A Motivação de adolescentes nas aulas de Educação Física. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 11, n 105. Fev. 2007. <http://www.efdeportes.com/efd105/motivacao-de-adolescentes-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>

MORENO, A.; **Desporto e rendimento escolar**. *Revista Digital*. Buenos Aires ARG. Ano 8, n. 55, Dez. de 2002.

NUNES, M. L. F. **Educação Física e esporte escolar: poder, identidade e diferença. 2006.** . 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, V.M. **Consenso e Conflito: Educação Física Brasileira.** 2. ed. Rio de Janeiro – RJ: Editora Shape, 2005.

OLIVEIRA, V.M; **O que é Educação Física?** São Paulo – SP: Editora Brasiliense, 2006

PAES, R.R.; **Educação Física escolar: O esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental.** Canoas RS: Ulbra, 2001.

PEREIRA, R.S.e MOREIRA, E.C. A Participação dos Alunos do Ensino Médio em Aulas de Educação Física: Algumas Considerações. **Revista da Educação Física.**, Maringá: UEM, v. 16, n 2 . p. 121-127, 2005.

PEREZ, A. J. **Análise Crítica Sobre Treinamento Desportivo na Educação Física Escolar.** Disponível em: WWW.cev.org.br/biblioteca/analise-critica-sobre-treinamento-desportivo-educacao-fisica-escolar. p. 129 a 132, jan./maio 2000.

RATEY, J. **Physical activity and the brain.** Disponível em: www.naspeinfo.org Acesso em: 07 de Jun. de 2011.

SOARES, C. L. Educação física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista. Paul. Educ. Fís.**, São Paulo, 1996.

THOMAS, J.R. e NELSON, J.K. **Método de Pesquisa em Atividade Física.** Trad. Ricardo Petersen... (et al). 3ed. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

THOMAS, J.R; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. **Métodos de Pesquisa em Atividades físicas.** 5 ed . Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

VANCINI, R. L.; LIRA, C. A. B.; ARIDA, R. M. **Efeitos da atividade física sobre a aptidão cerebral.** Centro de Estudos de Fisiologia do Exercício. 2008.

VAZ, L. **Atividade física e desempenho escolar.** Disponível em: <http://blog.cev.org.br/douglasandrade/> Acesso em: 07 de Jun. de 2011.

VIANNA, J. A. e LOVISOLO, H. Esporte Educacional: A adesão dos sujeitos das camadas populares. In: **FIEP Bulletin, vol. 75 – Special Edition – Article – I**, p.487-490, 2005.

WEINECK, C. **Análise-critica-sobre-treinamento-desportivo-educacao-fisica-escolar.** Disponível em: WWW.cev.org.br/biblioteca Acessado em 21 maio. 2011.